

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

VIVIANE NAZÁRIO CARDOSO

**INVESTIGANDO OS TRATOS COM OS CONCEITOS DE JOGO, LÚDICO E
BRINCADEIRA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO
INFANTIL**

FLORIANÓPOLIS

2011

VIVIANE NAZÁRIO CARDOSO

**INVESTIGANDO OS TRATOS COM OS CONCEITOS DE JOGO, LÚDICO E
BRINCADEIRA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO
INFANTIL**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Educação Física. Orientador: Prof. Dr. Jaison José Bassani.

FLORIANÓPOLIS

2011

VIVIANE NAZÁRIO CARDOSO

**INVESTIGANDO OS TRATOS COM OS CONCEITOS DE JOGO, LÚDICO E
BRINCADEIRA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO
INFANTIL**

Monografia apresentada ao curso de graduação em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Educação Física.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Jaison José Bassani

Co-orientadora: Prof^ª. Dr^{nda}. Ana Cristina Richter
PPGE/UFPR

Examinadora: Prof^ª. Dr^{nda}. Michelle Carreirão Gonçalves
PPGE/CED/UFSC

Examinador: Prof. Ms^{ndo}. André Delazari Tristão
PPGE/CED/UFSC

FLORIANÓPOLIS

2011

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus que abriu e fechou caminhos para que eu chegasse até onde estou hoje.

Aos meus pais e minha irmã pelo apoio dispensado sempre que precisei. Ao meu namorado, pelo carinho e pela compreensão em todos os momentos.

Ao meu Orientador Jaison Bassani pela consulta terapêutica e pela a disponibilidade de conversa quando as dúvidas surgiram. E também a minha co-orientadora Ana Cristina Richter, que mesmo à distância com plena certeza, fez o que estava ao seu alcance para me orientar, obrigada Ana pelo empenho e pela paciência.

A turma 2007/2, pelos amigos que fiz durante o curso, em particular aqueles que estavam sempre ao meu lado, pelos momentos que passamos nesses quatro anos e meio, meu especial agradecimento, sem vocês essa trajetória não seria tão prazerosa.

E também aos funcionários da Creche e do NEI pela acolhida, em especial as professoras observadas pela compreensão, sem sua disponibilidade esse trabalho não seria possível.

RESUMO

Considerando a multiplicidade de conceitos e definições relacionados aos temas do jogo, da brincadeira e do lúdico presentes nos documentos que regem a Educação Infantil e nos discursos e práticas de profissionais que atuam nesta etapa da Educação Básica, o presente trabalho objetivou analisar, compreender e problematizar os tratos para com aqueles conceitos do ponto de vista das aulas de Educação Física na Educação Infantil. A partir da realização de entrevistas semi-estruturadas, registros de campo de aulas de Educação Física e análise documental em duas instituições, observamos: a) uma diversidade de abordagens teórico-metodológicas orientando as práticas pedagógicas das professoras e cujas concepções de infância e educação se diferenciam radicalmente; b) uma ênfase no tema da brincadeira como direito e relacionada aos domínios da Psicomotricidade e da Recreação no âmbito da aprendizagem de regras, do controle do corpo e como premiação; c) uma subordinação do tema do jogo ao esporte; d) o lúdico demarcado em relação ao ambiente, ao tempo, à prática pedagógica e como marca do universo infantil.

PALAVRAS-CHAVE: Jogo; lúdico; brincadeira; Educação Física na Educação Infantil.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	07
2. CAMINHOS DA PESQUISA	10
3. O TEMA DO JOGO, DO LÚDICO E DA BRINCADEIRA NOS DOCUMENTOS DAS INSTITUIÇÕES PESQUISADAS	15
3.1 Creche AG	15
3.2 Núcleo de Educação Infantil JMS	17
4. O TEMA DO JOGO, DO LÚDICO E DA BRINCADEIRA NAS AULAS OBSERVADAS	20
4.1 Brincadeira como <i>livre movimentação</i>	20
4.2 Brincadeira como <i>reprodução de gestos e movimentos</i>	20
4.3 Brincadeira como <i>reprodução de regras: para a atividade e para a conduta</i>	21
4.4 Brincadeira como <i>direito ou... premiação</i>	24
5. NOTAS SOBRE AS ENTREVISTAS	26
5.1 Brincadeira	26
5.2 Jogo	27
5.3 Lúdico	28
5.4 Sobre as Concepções das Professoras	29
5.4.1 Dos pressupostos teórico-metodológicos	30
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS	36
ANEXO A – Roteiro de Observação	39
ANEXO B – Roteiro de Entrevista	42

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda os temas do jogo, do lúdico e da brincadeira no contexto da Educação Física na Educação Infantil. Sua relevância nasce da ênfase dada a esses temas no âmbito dos documentos que orientam a Educação Infantil no país e também naqueles elaborados pela Secretaria de Educação da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis, tanto no que se refere à educação, em geral, quanto à Educação Física, em específico, considerando que o município de Florianópolis conta, desde 1982, com a presença de profissionais dessa área em suas creches e núcleos de educação infantil.

Estudos recentes relacionados à Educação Física na Educação Infantil na Rede têm buscado aproximar-se dos princípios e propósitos da Pedagogia da Infância, que enfatizam a criança como sujeito de direitos, ressaltando a importância de concretizá-los no âmbito do direito à brincadeira. Do mesmo modo, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que é tomado como instrumento orientador para efetivação de políticas públicas para a infância, destaca o dever de assegurar a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. O documento salienta, no artigo quinto, que nenhuma criança será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, enfatizando o direito à opinião, à expressão, à brincadeira, à diversão, à participação na vida familiar e comunitária e à participação na vida política, na forma da lei.

Essa ênfase na garantia dos direitos das crianças também pode ser encontrada nos Referenciais Curriculares Nacionais para Educação Infantil (BRASIL,1998) e demais documentos que regem a Educação Infantil e que apontam para uma ação educativa que incorpore às atividades educativas os cuidados essenciais das crianças e suas brincadeiras, contribuindo para o desenvolvimento integral de suas identidades e para que se tornem capazes de crescerem como cidadãos cujos direitos à infância são reconhecidos. Os temas da brincadeira, do lúdico, do jogo recebem especial atenção nos supracitados documentos, como se pode observar nos parágrafos abaixo transcritos:

Pela oportunidade de vivenciar *brincadeiras* imaginativas e criadas por elas mesmas, as crianças podem acionar seus pensamentos para a

resolução de problemas que lhe são importantes e significativos. Propiciando a *brincadeira*, portanto, cria-se um espaço no qual as crianças podem experimentar o mundo e internalizar uma compreensão particular sobre as pessoas, os sentimentos e os diversos conhecimentos (BRASIL, 1998a, p. 28; grifos nossos).

As *brincadeiras* de faz-de-conta, os *jogos* de construção e aqueles que possuem regras, como os *jogos* de sociedade (também chamados de jogos de tabuleiro), *jogos* tradicionais, didáticos, corporais etc., propiciam a ampliação dos conhecimentos infantis por meio da atividade *lúdica*. (BRASIL, 1998a, p. 28; grifos nossos).

Cabe ao professor organizar situações para que as *brincadeiras* ocorram de maneira diversificada para propiciar às crianças a possibilidade de escolherem os temas, papéis, objetos e companheiros com quem brincar ou os *jogos* de regras e de construção, e assim elaborarem de forma pessoal e independente suas emoções, sentimentos, conhecimentos e regras sociais. (BRASIL, 1998a, p. 28; grifos nossos).

É importante que os adultos refiram-se a cada criança pelo nome, bem como assegurem que conheçam os nomes de todos. Para isso, várias atividades podem ser planejadas, com destaque para *brincadeiras* e cantigas em que se podem inserir os nomes dos elementos do grupo, propiciando que sejam ditos e repetidos num contexto *lúdico* e afetivo. (BRASIL, 1998b, p. 30; grifos nossos).

O processo pedagógico deve considerar as crianças em sua totalidade, observando suas especificidades, as diferenças entre elas e sua forma privilegiada de conhecer o mundo por meio do *brincar* (BRASIL, 2006, p. 17; grifo nosso).

Nossas crianças têm oportunidade de desenvolver *brincadeiras* e *jogos* simbólicos (BRASIL, 2009, p. 21; grifos nossos).

Não apenas os documentos que regem a Educação Infantil no âmbito nacional, mas também nas Diretrizes Educacionais Pedagógicas para Educação Infantil – documento publicado pela Secretaria de Educação do Município de Florianópolis, em 2010 –, encontramos a ênfase dada aos jogos, brincadeiras, brinquedos e ao tema da ludicidade, como se pode observar nos registros abaixo:

À medida que amplia seu olhar ao mundo que a rodeia, o interesse da criança se expande dos objetos em si para sua função social. A imitação dos adultos em suas relações sociais é o objeto do faz-de-conta que se constitui como atividade principal da criança até próximo dos seis anos. Nessa atividade *lúdica* – não produtiva – são exercitadas funções importantes em processo de desenvolvimento na criança como a memória, a imaginação, o pensamento, a linguagem oral, a atenção, a função simbólica da consciência (FLORIANÓPOLIS, 2010, p. 18; grifo nosso).

A educação do educador é essencial e, no que diz respeito à arte, passa necessariamente pelo reencontro do espaço *lúdico* dentro de si, pela

redescoberta das suas linguagens, do seu modo de dizer e expressar o mundo (FLORIANÓPOLIS, 2010, p. 72-73; grifo nosso).

[...] a dinâmica procura envolver todos os grupos de crianças com atividades diversificadas como: *brincadeiras, jogos*, passeios, gincanas, diferentes expressões artísticas e corporais (pintura, dança, escultura, desenho, teatro, cinema, música, artesanato), culinária, oficinas, festas, literatura, conhecimento da natureza e do mundo (FLORIANÓPOLIS, 2010, p. 136; grifos nossos).

No contexto da Educação Física, presente na Rede Municipal de Ensino de Florianópolis, como dito, desde 1982, tais temáticas aparecem demarcadas historicamente por distintas concepções, a exemplo do enfoque pautado na relevância da atividade física nessa etapa da “escolarização”, ou no desenvolvimento de habilidades motoras, como lembra Sayão (1996), sobretudo por meio de jogos.

Nos atuais documentos que regem a Educação Física da Educação Infantil de Florianópolis observa-se uma crítica à concepção de Educação Física como disciplina escolar, que desconsidera interesses e necessidades das crianças, determina tempo de duração das aulas, fragmentando os conteúdos. Além disso, a análise se volta à necessidade de uma discussão acerca da Educação Física “para além do desenvolvimento motor, da recreação, da psicomotricidade” (SAYÃO, 2004). Essas perspectivas enraízam diferentes concepções de jogo, brincadeira e lúdico, e, obviamente, de infância, bem como subsidiam, em muitas instituições, as práticas pedagógicas dos professores.

Considerando a multiplicidade de conceitos e definições presentes nos documentos que regem a educação infantil e nos discursos e práticas de profissionais que atuam nesta etapa da Educação Básica, o presente trabalho objetivou **analisar, compreender e problematizar os tratos para com os conceitos de jogo, lúdico e brincadeira, do ponto de vista das aulas de Educação Física na Educação Infantil**. Nesta mesma direção, buscaremos evidenciar algumas das concepções teórico-metodológicas que orientam as práticas pedagógicas dos professores de Educação Física que atuam em duas creches municipais de Florianópolis.

2. CAMINHOS DA PESQUISA

Para a efetivação deste trabalho realizamos uma pesquisa de abordagem etnográfica, tomando como instrumento de coleta de dados entrevistas semi-estruturadas, observações de campo de aulas de Educação Física (entre 14 de outubro de 25 de novembro de 2011) e análise documental dos PPPs e dos documentos que regem a Educação Física e a Educação Infantil nos . Acompanhamos as aulas de três professoras de Educação Física que atuam em duas instituições de atendimento à pequena infância da cidade de Florianópolis. Ao todo, foram observadas trinta e sete aulas e, ao findar deste período, foram realizadas as entrevistas.

Buscamos, por meio daqueles instrumentos de pesquisa, interpretar padrões culturais de um contexto específico a partir das representações que os indivíduos fazem de sua prática. Nessa direção, atentamos ao significado atribuído às práticas pedagógicas das professoras de Educação Física das instituições investigadas no sentido de entender como os significados se manifestam e constituem um universo cultural particular. Assim, conforme destacam Goellner *et.al* (2010), o pesquisador investiga as práticas de dentro, a partir de seus protagonistas, desenvolvendo a investigação vinculada à experiência pessoal no campo e a partir da observação direta dos acontecimentos sociais. Meksenas (2002, p. 117; grifos do autor) fala que o pesquisador deve saber “olhar para a realidade de modo a praticar o *saber estranhar o familiar e familiarizar-se com o estranho*”, procurando, em um caso específico, articular os resultados do estudo com as teorias já existentes.

Ao solicitar autorização para realização da pesquisa junto à Divisão de Educação Infantil da Secretaria de Educação da Rede Pública Municipal de Ensino da cidade de Florianópolis, foi-nos sugerido que nossa inserção em campo ocorresse em duas instituições específicas, considerando que nelas é escassa a inserção da universidade no âmbito da efetivação de pesquisas e estágios. Na medida em que a Secretaria tratava dos aspectos formais relacionados à realização da pesquisa, fomos às instituições para conversar com a direção e as professoras de Educação Física, ainda que informalmente, considerando a disponibilidade e o desejo dessas profissionais em participarem da pesquisa seria muito importante.

Concedidas as autorizações e confirmado o interesse em participar da pesquisa, iniciamos nossa investigação em campo, na mesma medida em que buscávamos, nos

documentos do Ministério da Educação que regem a Educação Infantil do país e naqueles que orientam esta etapa da Educação Básica em nível municipal, dados vinculados ao nosso tema de pesquisa: concepções de Educação Física na acepção da brincadeira, jogo, lúdico, em sua relação com a infância e a educação.

A *Creche AG* situa-se na comunidade do Morro da Penitenciária, distante quatro quilômetros do centro de Florianópolis. Funciona em um prédio de quatro andares com um terraço descoberto, que serve de parque para uso das crianças ou para as aulas de Educação Física.

A instituição nasceu de uma necessidade da comunidade, reivindicada pela Associação de Moradores. Segundo o Projeto Político Pedagógico da creche, no período em que foi construída não havia discussão sobre a importância do espaço físico para a criança, por este motivo a comunidade e o governo não se preocuparam em fazer um pátio externo para as atividades com as crianças.

A creche iniciou o funcionamento em 08/04/1985 e o nome foi escolhido através de uma enquete com as crianças. Oficialmente foi inaugurada em 26/04/1985 e atende crianças na faixa etária dos quatro meses a seis anos, sendo a maioria dos usuários moradores do entorno da creche, originários do interior do estado de Santa Catarina, principalmente da região de Campo Belo do Sul, e da região nordeste do país. A comunidade é constituída de famílias de baixa renda, a maioria sustentada por mulheres que trabalham como domésticas e diaristas sem carteira assinada, e homens cujas ocupações mais frequentes são: pedreiro, vigilante, porteiro e donos de pequenos bares. Segundo informações disponíveis no PPP da instituição, o nível de escolaridade das famílias corresponde ao Ensino Fundamental completo. Assim como outras comunidades de Florianópolis que se situam em morros, esta apresenta problemas de acesso às casas nas partes mais altas, falta de água, saneamento, urbanização, regularização de lotes, entre tantos outros.

A creche é constituída por sete salas destinadas às turmas e sete banheiros, sendo um para adultos e seis para as crianças (um em cada sala e banheiro no berçário), uma cozinha, uma dispensa para alimentos e materiais de limpeza, um refeitório, uma sala de vídeo, sala dos professores e da direção. As salas de aula apresentam estrutura similar: mesinhas retangulares e cadeirinhas, colchonetes empilhados, estantes e armários com materiais diversos, aparelho de som e paredes enfeitadas com pinturas feitas pelas crianças e “papietagens” feitas por professoras e auxiliares.

A creche atende 124 crianças em período integral.

Os grupos apresentam-se assim estruturados:

Grupo	Período Integral	Faixa Etária
Berçário	15 crianças	mínimo 4 meses
G2	15 crianças	1 ano – 1 ano e 11 meses
G2/3	15 crianças	1 ano – 2 anos e 11 meses
G3/4	15 crianças	2 anos – 3 anos e 11 meses
G4	19 crianças	3 anos – 3 anos e 11 meses
G5	21 crianças	4 anos – 4 anos e 11 meses
G5/6	24 crianças	4 anos – 5 anos e 11 meses

Fonte: PPP Creche AG (2010).

Doze professoras e onze auxiliares atendem as crianças, além das duas professoras de Educação Física que atuam em turnos opostos. Direção, supervisora escolar, cozinheiras, auxiliar de serviços gerais compõem o quadro de funcionários da creche.

Na Creche AG, atuam instituição duas professoras de Educação Física, uma no período da manhã e outra no período da tarde.

A professora de Educação Física da manhã está aqui identificada como J., tornou-se efetiva na Rede por meio de concurso e foi admitida em 2010, trabalha 20h na instituição (segundas, quintas e sextas das 08h30min as 12h30min). Sua primeira atuação na rede foi como ACT, o que ocorreu ainda durante sua graduação. Ela se formou pela UDESC no ano de 2006.

A professora de Educação Física do período da tarde, identificada como C., não é efetiva e dispõe de contrato temporário (ACT). Atua 10h nesta instituição (segundas e quintas das 14h as 17h) e mais 30h em outras duas instituições da rede. Ela atua na RMEF há doze anos (desde 1991), e, na creche investigada é o seu primeiro ano. Formou-se em 1985 pela UFRGS.

O Núcleo de Educação Infantil (NEI) JMS, que, diferentemente das creches, atende crianças entre três e cinco anos de idade, foi inaugurado em 26/09/1992 e situa-se no bairro Agrônômica, a dois quilômetros do centro de Florianópolis. Recebeu este nome em homenagem ao morador mais antigo da rua.

A comunidade, que até meados da década de 1980, era constituída, em sua maioria, por pessoas provenientes de Florianópolis, passou a acolher imigrantes de outras regiões de Santa Catarina, principalmente Chapecó e Lages, como também de

outros estados como Rio Grande do Sul, Bahia e Paraná. O nível de escolaridade que predomina nas famílias é o Ensino Fundamental incompleto, sendo que a maioria dos pais não possui qualificação profissional. Segundo informações do PPP do NEI, a renda familiar média da comunidade gira em torno de um a dois salários mínimos por família. Entre as ocupações profissionais dos pais das crianças que freqüentam a instituição, destaca-se: doméstica, diarista, pedreiro, catador de papelão, porteiro, zelador de prédio, policial civil e militar, motorista de taxi, eletricista, auxiliar de serviços gerais (em empresas e escritórios, etc.) e cozinheira de restaurante.

O NEI possui uma área de 766,92m², sendo 232m² de área construída. São três salas de aula, cozinha, depósito de alimentos, secretaria, um sanitário para os adultos e dois para as crianças, almoxarifado, área de serviço, três pátios, um nos fundos da unidade (semi-coberto), utilizado como refeitório e espaço para realização de aulas de EF, festas e eventos. Há um pátio lateral com brinquedos feitos com pneus e manilhas e outro localizado na frente da unidade, com balanços, escorregador, brinquedos com corda e duas casinhas de boneca (uma delas é usada para guardar os materiais da Educação Física). Nos fundos da instituição foi construída, juntamente com as crianças, uma horta, ao lado da qual, nos fundos do parque lateral, está localizada a Casa da Branca de Neve¹.

As salas de aula apresentam estrutura similar: espelho na altura das crianças, mesinhas quadradas e cadeirinhas, colchonetes empilhados e encapados, estantes e armários com materiais diversos, televisão, aparelho de som e paredes enfeitadas com pinturas feitas pelas crianças e “papietagens” feitas pelas professoras e auxiliares.

O NEI atende noventa e três crianças de dois a cinco anos, distribuídas nos períodos matutino, vespertino e integral. O horário de funcionamento é das 07h às 19h; no período matutino a entrada é das 07h às 08h30min e a saída das 12h às 13h; no período vespertino a entrada é das 13h às 13h30min e a saída das 17h às 19h.

Os grupos apresentam-se assim estruturados:

Grupo	Período Matutino	Período Vespertino	Período Integral	Faixa Etária
G3	01 criança	01 criança	19 crianças	2 anos – 2 anos e 11 meses
G4	02 crianças	02 crianças	18 crianças	3 anos – 3 anos

¹ Branca de Neve é o nome dado a uma coelha toda branca de olhos vermelhos que a instituição possui e que as crianças das três turmas se revezam para alimentar e cuidar.

				11 meses
G5/6 (matutino)	25 crianças	-	-	4 anos – 5 anos e 11 meses
G5/6 (vespertino)	-	25 crianças	-	4 anos – 5 anos e 11 meses

Fonte: PPP NEI João Machado da Silva (2011).

Seis professoras atendem às crianças, entre elas, uma profissional readaptada e uma de Educação Física. Compõem ainda o quadro de funcionários do NEI: seis auxiliares de sala, auxiliar de ensino, auxiliar de ensino de educação especial, diretora, supervisora escolar, duas cozinheiras, dois auxiliares de serviços gerais e dois vigilantes.

No NEI JMS a professora de Educação Física G. ingressou por meio de concurso no ano de 2010 e efetivou-se nesta instituição em fevereiro de 2011, com 20h (quintas e sextas das 08h30min as 11h15min e das 13h as 15h15min). É formada pela UDESC.

3. O TEMA DO JOGO, DO LÚDICO E DA BRINCADEIRA NOS DOCUMENTOS DAS INSTITUIÇÕES PESQUISADAS

3.1 Creche AG

O Projeto Político Pedagógico (PPP) da Creche AG propõe uma perspectiva de perceber as crianças como capazes, criadoras, seres que possuem as especificidades de seu tempo de viver, também afirma que compreendê-las como diferentes é o primeiro passo para educar de forma diferenciada, focando seus esforços na tentativa de conhecer as crianças e interpretá-las em suas múltiplas linguagens e movimentos:

“Pensar em uma pedagogia que dê bases para uma Educação Infantil que respeite, que confira à elas o direito de ter modos de pensar, de falar, de jogar, de escutar, enfim, de viver intensamente e que possam expressar em suas relações o que lhe foi proporcionado vivenciar.” (PPP CRECHE AG, 2009, p. 07).

O documento expressa uma preocupação para que a criança se sinta participante de seu processo educativo, e que o educador, no papel de mediador, esteja atento aos indicativos, à curiosidade e aos interesses das crianças, uma vez que a criança é entendida como sujeito de direitos e em pleno desenvolvimento desde o seu nascimento.

Citando Heloísa Rocha, a partir do texto Diretrizes Educacionais para a Educação Infantil, o PPP apresenta os objetivos da educação de 0 a 6 anos:

Segundo Rocha, a creche e a pré-escola têm como objeto as relações educativas travadas num espaço de convívio coletivo e tem como sujeito a criança de 0 a 6 anos de idade. A dimensão que os conhecimentos na educação das crianças pequenas colocam-se numa relação extremamente vinculada aos processos gerais de constituição da criança: a expressão, o afeto, a sexualidade, a socialização, o brincar, a linguagem, o movimento, a fantasia e o imaginário (PPP CRECHE AG, 2009, p. 15).

O PPP da Creche AG define a importância da Educação Física na Educação Infantil da seguinte forma:

A Educação Física na Educação Infantil tem importante papel no desenvolvimento das crianças, organizando um ambiente adequado e dando oportunidade para que tenham experiências positivas, proporcionando-lhes um crescimento sadio e o desenvolvimento de várias habilidades. As diversas propostas devem instigar as crianças a exercitarem sua maneira de pensar, agir e ser, ampliando suas

hipóteses sobre o mundo. O planejamento das propostas de Educação Física deve levar em consideração as necessidades, especificidades e interesses das crianças, bem como o tempo e o espaço. A organização do trabalho pedagógico na Educação Física não pode se basear no modelo ‘escolarizante’ que tem a disciplina como eixo. A Educação Física deve ir além de uma disciplina que possui um conteúdo previamente definido com o tempo e o espaço. O tempo de infância é o tempo lúdico, no qual a atividade determina o tempo e não o tempo determina a atividade. A educação organizada como ‘a hora de...’, assim como as disciplinas escolares não tem sentido para as crianças pequenas que pensam, agem e sentem como uma totalidade complexa (PPP CRECHE AG, 2009, p. 20-21).

No PPP da Creche AG o lúdico aparece como integrante também dos momentos de alimentação, relatando que o ambiente do refeitório não deve ser pensado apenas como local para saciar a fome, mas deve ser um espaço limpo, convidativo, organizado, estimulante e *lúdico*.

Já o tema da brincadeira ocupa um capítulo específico:

Por meio da *brincadeira* a criança estabelece o vínculo entre o imaginário e o real, exercita a imaginação e organiza seu pensamento. Conforme a Revista Nova Escola/2008, é um meio de processar e assimilar tantos assuntos enfim, entender o mundo é brincar de faz de conta. A complexidade da fantasia criada depende das experiências já vividas. Por isto é fundamental oferecer ambientes ricos em possibilidades’. (PPP CRECHE AG, 2009, p. 24; grifo nosso).

Ao citar outros documentos mandatórios destinados à Educação Infantil, o PPP evidencia a brincadeira como um direito da criança, juntamente com a higiene, a saúde e uma alimentação sadia:

Conforme documentos do MEC/SEF/DEP/COEDI, 1995, nossas crianças tem direito à: 1. *brincadeira*; 2. atenção individual; 3. um ambiente aconchegante, seguro e estimulante; 4. ao contato com a natureza; 5. higiene e saúde; 6. a uma alimentação sadia; 7. a desenvolver sua curiosidade, imaginação e capacidade de expressão (PPP CRECHE AG, 2009, p. 7; grifo nosso).

Enfatiza também o papel do educador nesse processo e direciona seu olhar, pois “além de organizar, o educador tem o papel integrante do processo. Precisa estar atento em relação ao que as crianças brincam, o que apontam de mais significativo, interagindo e oferecendo novos elementos ao contexto das crianças.” (PPP CRECHE AG, 2009, p. 24-25).

No capítulo referente à avaliação, o termo brincadeira também se faz presente, ressaltando que, “ao avaliar o processo da criança registramos questões referentes a autonomia, as interações, as *brincadeiras*, afetividade, as necessidades identificadas.”

(p. 10; *grifo nosso*), apontando a brincadeira também como um critério de avaliação das crianças.

3.2 Núcleo de Educação Infantil JMS

No PPP do NEI JMS almeja-se trabalhar para alcançar uma formação de seres humanos autônomos, ativos, criativos, democráticos e éticos comprometidos, transformadores da realidade e que influenciem efetivamente na construção de uma sociedade mais justa e de oportunidades iguais a todos. Destacando a importância da Educação Infantil no coletivo, o documento afirma:

Na Educação Infantil para que o processo coletivo seja contundente e socialmente faz-se necessário que todos os segmentos da instituição de Educação Infantil estejam conscientes de seus compromissos conheçam os avanços significativos da infância, sua história, sua concepção e função social (PPP NEI JMS, 2010, p.06).

Constam, neste mesmo documento, os objetivos da Educação Infantil conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9394/96), que são: proporcionar condições para o desenvolvimento físico, psicológico e intelectual da criança, em contemplação familiar; promover a ampliação de suas experiências e conhecimentos, estimulando seus interesses pelo processo de transformação da natureza e pela convivência em sociedade.

(...) Em síntese, a Educação Infantil tem como função pedagógica básica: um trabalho que parta da realidade e dos conhecimentos infantis, ampliando-os através de atividades concretas e que assegure a aquisição de novos conhecimentos para, posteriormente, essas crianças atuarem concretamente no mundo real, transformando-o, no entanto, para atingir os objetivos acima propostos pelos profissionais da área, faz-se mister dotar os recursos humanos de uma excelente formação profissional, instrumental e crítica, sobre tudo financeira, e a participação dos pais, visto que o principal é a qualidade do serviço prestado à população (PPP NEI JMS, 2010, p. 07).

Reconhecendo este papel da Educação Infantil valorizam os conhecimentos que as crianças possuem e garantem a aquisição de novos, afirmando que a criança é um ser social, que ela tem história e pertence a uma classe social e que estabelece relações sociais com seu contexto de origem.

Conforme citado nos eixos organizadores do PPP, a prática da instituição se baseia na interação das áreas psicomotora, com a construção de conhecimentos e atitudes, com características e especificidades do universo infantil: “as dimensões motoras, cognitivas, afetivo-social e a formação de hábitos, juntas, compõem os conteúdos pedagógicos básicos próprios da faixa etária das crianças de nossa instituição.” (PPP NEI JMS, 2010, p. 11).

A prática da Educação Física na Educação Infantil no PPP do NEI JMS é encontrada dentro do item 5: Eixos Organizadores do trabalho, apresentada como segundo eixo logo após o Eixo 1: Diretrizes Municipais como Eixo Norteador do trabalho Pedagógico.

Para garantir o trabalho pedagógico da Educação Física à luz da Pedagogia da Educação Infantil, é preciso superar a concepção de disciplina fortemente enraizada na formação docente e partir para a ideia de complementaridade de ações que englobam diferentes profissionais, de diferentes áreas de formação. Nesse sentido a participação das professoras regentes e/ou auxiliares é indispensável nos momentos em que o professor de Educação Física esta coordenando uma atividade, contribuindo para a construção de vínculos entre crianças e adultos que qualificam o trabalho pedagógico. Considerando que um dos sentidos da Educação Física na Educação Infantil pode ser dado pela ampliação das experiências de movimento das crianças, as atividades de Educação Física podem acontecer em diferentes espaços do NEI, ampliando o repertório vivencial das crianças tornando as atividades mais interessantes, criando novas formas de brincar com os objetos, com os corpos e com o espaço. Na criação de espaços e de materiais necessários, é preciso considerar alguns critérios de segurança para que as crianças não se machuquem. A especificidade das necessidades do NEI em relação as aulas de Educação Física, devido a carga horária disponível do professor (20 horas semanais) demanda que as aulas fiquem organizadas em 45 minutos, distribuídas durante a semana, contemplando deste modo de todas as turmas (PPP NEI JMS, 2011, p. 12 -13).

O jogo aparece como um exercício de responsabilidade social, "o Núcleo de Educação Infantil JMS nesse sentido desenvolve atividades lúdicas, *jogos*, brincadeiras e projetos como a Horta Escolar que desenvolvem valores de respeito e responsabilidade social.” (idem, p. 17; *grifo nosso*).

No PPP do NEI JMS o conceito de lúdico aparece nos objetivos específicos da instituição:

Valorizar a educação como um instrumento de humanização e de interação social; estimular o desenvolvimento da criança respeitando seu nível de maturação; priorizar o aspecto lúdico e as brincadeiras

como processo de aprendizagem; fortalecer a participação dos pais nas atividades educativas; garantir a formação continuada aos professores e demais funcionários; avaliar de forma constante suas práticas pedagógicas (PPP NEI JMS, 2011, p. 8 e 9; *grifo nosso*).

Também aparece no capítulo que diz respeito à Organização Pedagógica:

O planejamento, além de flexível procura contextualizar e considerar os eixos norteadores sugeridos no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, adequando também à proposta da pedagogia de projetos utilizados na nossa unidade educativa. O *lúdico* e o prazeroso são determinantes no fazer pedagógico, pois é possível elaborar atividades para crianças pequenas, de maneira que elas possam crescer em ambiente estimulador, seguro, educativo e feliz (idem, p. 9; *grifo nosso*).

E por fim, nos Eixos Organizadores do trabalho:

O modo como são organizados esses conteúdos, girando em torno de um tema, ou projeto, privilegiando sempre o contexto *lúdico*, reconhecem as crianças como seres únicos e capazes, que aprendem a aprender, a fazer, a ser e conviver consigo mesmos, com os outros e com o meio ambiente de maneira integrada e gradual (idem, p.11; *grifo nosso*).

No PPP do *NEI JMS* o termo brincadeira aparece já na justificativa:

Nas interações que estabelece desde cedo com as pessoas que lhe são próximas e com o meio que o circunda, a criança revela seu esforço para compreender o mundo em que vive; as relações contraditórias que presencia, por meio das *brincadeiras explícitas*, condições de vida estão submetidas a seus anseios e desejos (PPP NEI JMS, 2011, p. 5; *grifo nosso*).

Referente aos direitos que lhe devem ser assegurado reforça-se:

Devem assegurar às crianças proteção aos seus direitos: direito a proteção, ao afeto e a amizade; direito à higiene e à saúde; direito à *brincadeira*; direito a uma atenção especial durante o período de adaptação na instituição; direito a desenvolver sua curiosidade, imaginação e capacidade de expressão; direito a do movimento em espaços amplos; direito à atenção individual; direito a expressar seus sentimentos; direito a desenvolver sua identidade cultural, social e religiosa (PPP NEI JMS, 2011p. 8; *grifo nosso*).

Encontramos também esta idéia nos objetivos específicos da instituição:

Valorizar a educação como um instrumento de humanização e de interação social; estimular o desenvolvimento da criança respeitando seu nível de maturação; priorizar o aspecto lúdico e as brincadeiras como processo de aprendizagem; fortalecer a participação dos pais nas atividades educativas; garantir a formação continuada aos professores e demais funcionários; avaliar de forma constante suas práticas pedagógicas (PPP NEI JMS, 2011, p. 8-9; *grifo nosso*).

4. O TEMA DO JOGO, DO LÚDICO E DA BRINCADEIRA NAS AULAS OBSERVADAS

Ao longo das aulas observadas a idéia de jogo e lúdico se expressa quase que exclusivamente no emprego do termo brincadeira e remete a distintas formas de relação com os objetos e com o outro. A ênfase sugerida à brincadeira aparece engendrada a distintas especificações, conforme veremos a seguir.

4.1 Brincadeira como *livre movimentação*

A brincadeira aparece equiparada em diversas falas como uma *livre movimentação*, como se pode observar nas cenas abaixo:

[...] A professora distribuiu bolas pela sala, as crianças começaram a chutar e a jogá-la com as mãos (DIÁRIO DE CAMPO, 07/11/2011).

Chegando na parte lateral do parque a professora distribui os potinhos com água e sabão. Alguns soltam bolinhas de cima do balanço, outros perto da Branca de Neve (Coelho), de cima da torre de pneus; dois garotos começam a encher os potinhos de areia, a professora pergunta se eles estão fazendo bolo e eles respondem que sim, ela fala “tudo bem, podem brincar de bolo também” (DIÁRIO DE CAMPO, dia 11/11/2011).

A professora chega na sala às 10h45min e traz consigo um saco cheio de bolinhas, as crianças pegam as bolinhas que a professora espalhou pela sala, as jogam e carregam de um lado para o outro (DIÁRIO DE CAMPO, 11/11/2011).

4.2. Brincadeira como *reprodução de gestos e movimentos*

A brincadeira também aparece caracterizada como uma *repetição de gestos e movimentos* orientados pela professora:

A professora de Educação Física fala que agora que eles estão aprendendo, então “tem que segurar primeiro para só depois jogar”, ela fala o nome das crianças que ainda não foram para que os colegas joguem para eles (DIÁRIO DE CAMPO, 07/11/2011).

A professora de Educação Física prende a aranha no teto por um elástico e demonstra como eles devem fazer: ela puxou a aranha até o chão e soltou, a aranha subiu. Em seguida os alunos fizeram o mesmo gesto. As crianças se amontoavam para puxar, a professora mandava os outros se afastarem quando alguém puxava a Dona Aranha (DIÁRIO DE CAMPO, dia 27/10/2011).

4.3. Brincadeira como *reprodução de regras: para a atividade e para a conduta*

A brincadeira como *reprodução de regras e prescrições*, corresponde à sua normatização, quando a professora indica como, quando e onde se pode brincar:

A professora J. fala que quer ensinar uma brincadeira nova, ela pergunta quem já brincou de Bate Manteiga, as crianças respondem que nunca brincaram, ela fala que “eu brincava de Bate Manteiga quando era pequena”. Ela divide a turma em dois grupos “quem a J. dividir pro grupo tem que ir”, e coloca dois cones em cada grupo dizendo que é a “porta”. Ela explica o Bate Manteiga: “a mão de vocês é uma manteiga, é uma brincadeira para ver quem é mais rápido e qual time fica maior” (DIÁRIO DE CAMPO, 03/11/2011).

A professora propõe que agora eles passem a bola para o amigo do lado, a bola passa duas vezes por todos da roda, algumas crianças querem passar para outros colegas que não estão ao seu lado, a professora fala que “nessa brincadeira tem que passar para o colega ao lado” (DIÁRIO DE CAMPO, 07/11/2011).

Depois de todos “colados” no chão, a professora joga a bola para uma criança e esta deve escolher um colega para passar a bola e este deve escolher outro, até que todos tenham lançado e recebido a bola. (DIÁRIO DE CAMPO, 11/11/2011).

A professora G. explica a “brincadeira da Galinha Chocou” e todos entendem prontamente. Na demonstração, as professoras gritavam: “Pega! Corre!”, enquanto uma criança corria atrás da professora. Depois de algumas rodadas as crianças gritavam em coro: “Pega! Pega!” (DIÁRIO DE CAMPO, 20/10/2011).

As garotas batem na bola em roda e a professora G. pede que parem, Ela faz duas colunas, uma de frente para a outra, e fala para cada uma bater uma vez na bola na direção da colega e ir para o final de sua coluna. Os meninos se organizam do mesmo jeito que as garotas (em roda) e eles mesmos se policiam: “não pode sair do lugar, só pode empurrar a bola”. As meninas falam para “fazer igual os meninos” e voltam a ficar em roda. A professora de Educação Física fala para elas que “tem que prestar atenção, pode receber bolada” (DIÁRIO DE CAMPO, 28/10/2011).

A professora coloca música no som e fala “vamos dançar com a peteca, quando a música parar tem que fazer estátua” (DIÁRIO DE CAMPO, dia 11/11/2011).

A professora G. mostra uma bolinha de borracha e uma cestinha (fundo de uma garrafinha de refrigerante), ela fala que primeiramente eles devem tentar passar para o colega ao lado, ainda em roda. Após a bola passar uma vez pela roda ele os divide em duplas, cada um deve acertar na cestinha do colega, um menino joga a bolinha em sua dupla e ela fala “V. não é assim que se brinca” (DIÁRIO DE CAMPO, 04/11/2011).

As crianças rebatem duas vezes e devem passa a raquete para o próximo da coluna. (DIÁRIO DE CAMPO, 11/11/2011).

Depois de todos sentados a professora G. explica a próxima atividade, “nós vamos fazer uma brincadeira que as crianças do mundo inteiro brincam, mas elas brincam se respeitando. Quando a música para o que devem fazer?” as crianças respondem que devem sentar em uma cadeira e ela retruca, “pode empurrar o amigo? Se a cadeira estiver ocupada temos que procurar outra cadeira para sentar”. Uma aluna pergunta para a professora se eles vão brincar da Dança da Cadeira e ela responde: “é, se a gente conseguir né!” (DIÁRIO DE CAMPO, 20/10/2011).

A professora fala: “vocês vão ficar sentados ai na roda enquanto eu coloco o material”. Ela lembra das regras: “pode brigar? Pode tirar o brinquedo da mão do amigo?”, J. lembra: “e não pode derrubar o que o amigo construir” (DIÁRIO DE CAMPO, 28/10/2011).

Depois que todos sentam ela fala que por eles terem “feito bonito na segunda feira, todo mundo pode pegar o material.” (DIÁRIO DE CAMPO, 28/10/2011).

As crianças sentam em roda, mas não param de conversar. A professora J. diz “se eu não conseguir falar a gente não vai brincar”, as crianças falam para a professora que ontem “a bola caiu na rua e o moço trouxe aqui pra creche”, a professora fala que eles devem cuidar do material, porque “se perdesse a bola, agora vocês teriam somente três bolas para brincar” (DIÁRIO DE CAMPO, dia 11/11/2011).

A professora G. faz a chamada: são dezenove crianças (seis meninos e treze meninas). Depois da chamada ela pede atenção, pois vão fazer um jogo e “tem que ouvir para conseguir jogar”. A professora fala que é a Brincadeira da Feira, ela pede para a menina que estava a sua esquerda na roda falar o nome de uma fruta, esta fala maçã, a professora explica “Ela foi na feira e comprou maçã, eu fui na feira e comprei maçã e banana, tu foi na feira e comprou maçã, banana e mais o que? (dirigindo-se a menina que estava a sua direita na roda)”. A garota não entendeu e como a professora percebeu que a maioria também não havia entendido, repetiu a explicação da mesma forma (DIÁRIO DE CAMPO, dia 20/10/2011).

A professora G. vê os garotos em baixo da mesa “vocês acham bonito o que vocês estão fazendo? Vou ter que mandar bilhete para casa

falando que vocês estão fazendo bagunça? É o jeito né!” (DIÁRIO DE CAMPO, 11/11/2011).

E. foi para debaixo da mesa e a professora G. falou “sai debaixo da mesa ou não vai brincar com a Dona Aranha! Agora é hora da Dona Aranha.” (DIÁRIO DE CAMPO, dia 27/11/2011).

Se, por um lado, é possível observar nas aulas de Educação Física, a presença de momentos que favorecem a livre movimentação e o contato com diferentes objetos, por outro se observa uma aproximação das práticas pedagógicas centradas nos moldes da recreação, de modo que as crianças mantenham-se ocupadas numa espécie de “tempo livre”, que garante a possibilidade de “liberação” do corpo em meio às demais atividades que exigem maior contenção corporal.

A Recreação, segundo Costa (2004), aparece intimamente ligada aos processos de educação do corpo nos ambientes educacionais. Para o autor, ela deveria

estimular o corpo e o espírito mediante a escolha seleta de brincadeiras, exercícios e distrações. [...] O lazer perdia seu caráter de gratuidade e progressivamente definia-se como higiene física e mental. Também ele tinha que ser disciplinado (COSTA, 2004, p. 183-184).

Nessa direção as aulas de Educação Física se colocam como recurso disciplinar que contribuem para modificar os hábitos por meio do aprendizado e da obediência às regras presentes nos jogos e brincadeiras determinados. Essas questões estão fortemente atravessadas por uma educação instrumental que substitui *o que é ensinado pelo como*, refutando, de uma só vez, a tradição e a imprevisibilidade do futuro, alimentam a primazia de uma prática que toma como central o método e concepções pragmáticas de fim previsível que consistem em inculcar habilidades.

Deste modo, o ensino consiste na seleção e reprodução de exercícios, jogos e brincadeiras recolhidas em manuais e o professor figura como árbitro de conflitos, zelador de bons modos e mero reprodutor. Ou, de outro modo, aparece como consumidor de conhecimentos, mero transmissor e executor do ensino.

O que se coloca em jogo é a ausência de tematização que compreende a aproximação, experimentação, a problematização, a recriação e valorização das variadas formas de produção e expressão corporal presentes na sociedade para que as crianças possam reafirmar ou desconstruir sua identidade e reconhecer a legitimidade de outras. (NEIRA, 2007). Nessa direção a Educação Física pode contribuir tanto no conhecimento sobre as práticas corporais da cultura, como na invenção de outras maneiras de fazer os esportes, as danças, a ginástica, os jogos, as lutas, os brinquedos,

as brincadeiras e de questionamento dos padrões éticos e estéticos construídos culturalmente para a realização dessas e de outras práticas corporais.

4.4. Brincadeira como *direito* ou... *premiação*

Vinculada aos discursos pedagógicos contemporâneos que buscam garantir o direito das crianças à brincadeira, observamos que este direito aparece circunscrito à idéia de premiação, como se pode observar nas cenas que seguem:

A professora sentou em sua cadeira e explicou a atividade: sempre que ela falar o nome de uma fruta, todos que receberam o nome deverão trocar de lugar, quando ela falar “sala de fruta” todas as *frutas* devem trocar de lugar, “tem que cuidar para não machucar o amigo e cuidar para a cadeira não cair. *Todo mundo tem o direito de brincar, mas tem que respeitar o amigo.* Chutou, empurrou o amigo perde o direito de brincar, vai descansar lá no tapete! (DIÁRIO DE CAMPO, 28/10/2011).

Um garoto joga a bola de meia e A. não pega, I. pegou a bola e A. levantou de onde estava, foi na direção de I., e começou a dar socos na garota. Quando a professora consegue fazer o garoto sentar-se de volta em seu lugar, ela fala “você não vai brincar, você vai sentar na cadeira e vai observar todos brincando” o garoto se recusa e permanece sentado na roda e ela fala que “ninguém vai brincar até ele sentar na cadeira”. A professora regente carrega o garoto até a cadeira e fala “vai ficar sentado ai, *perdeu o direito de brincar, perdeu o direito de participar da aula!*” [...]. A professora de Educação Física senta na roda com os demais alunos e fala que “quando a criança bate no colega *perde o direito de brincar, tem que respeitar o colega, respeitando a gente consegue brincar bem legal*” (DIÁRIO DE CAMPO, 28/10/2011).

Chegando na sala a professora C. pede “senta aqui no tapete todos os nenéns pra gente conversar, senão não vai brincar!”. E seguida, pede para cada um escolher uma bolinha e ir brincar: “vai escolher só uma” (DIÁRIO DE CAMPO, 03/11/2011).

Vendo que as crianças não fazem a roda, a professora auxiliar desliga a música e manda todos sentarem. Ela pergunta às crianças: “Vocês não querem brincar hoje?”; eles respondem que sim, ela retruca: “Não parece! Roda é puxar o amigo? É derrubar o amigo no chão?” (DIÁRIO DE CAMPO, dia 20/10/2011).

Algumas crianças levantavam e iam até a porta, ficavam olhando os outros no refeitório e eram chamados novamente para sentar no tapete pela professora de Educação Física. “Tá todo mundo brincando e

vocês não estão!”, disse ela para os que estavam no tapete. As 10h05min a professora regente chegou e a professora G. relatou o que havia acontecido: “Não se comportaram na Educação Física, não sabem brincar! Ai a M. não deixou eles irem para o pula-pula”. A professora regente olhou para os que estavam na sala e falou: “que feio!” (DIÁRIO DE CAMPO, dia 20/10/2011).

A professora regente fala que como eles não colaboraram com a G., “não vão para o parque, [mesmo] com um dia lindo desse para brincar, vão ficar tudo na sala” (DIÁRIO DE CAMPO, 04/11/2011).

A professora G. pega as raquetes e fala que “nós só vamos brincar se respeitarem os colegas e a professora, porque se vocês não respeitarem a gente senta, eu olho no relógio e as 14h30min vocês vão para a sala e eu vou brincar com a outra turma. Quem perde tempo de brincar são vocês, não sou eu nem a professora A.”, ela fala que “tem tempo de tudo, de conversar, de falar, de escutar” “e de estudar”, completa a aluna N., a professora de Educação Física fala para a garota “a brincadeira é o nosso jeito de estudar” (DIÁRIO DE CAMPO, 11/11/2011).

Entre os direitos citados nos documentos que orientam a Educação Infantil em âmbito nacional, municipal e institucional destaca-se o *direito à brincadeira*. Esse direito, no contexto das práticas pedagógicas, aparece comumente como um prêmio ao “bom comportamento”. Ou seja, o direito de brincar está condicionado à submissão as regras impostas pelos adultos, sobretudo quanto ao controle de seus corpos.

Nos momentos em que as crianças respondem às exigências colocadas pelos adultos, o direito à brincadeira então se recoloca como prêmio.

Sayão (2002) lembra que, na interação entre adulto e criança, é preciso considerar o movimento como expressão:

Esquecemos gradativamente como, enquanto crianças, construímos um sistema de comunicação com o meio social que, necessariamente, integra o movimento como expressão. Com este esquecimento, passamos, então, a cobrar das crianças uma postura de seriedade, imobilidade e linearidade, matando pouco a pouco aquilo que elas possuem de mais autêntico – sua espontaneidade, criatividade, ousadia, sensibilidade e capacidade de multiplicar linguagens que são expressas em seus gestos e movimentos. Os adultos tendem a exercer uma espécie de dominação constante sobre as crianças, desconhecendo-as como sujeito de direitos, até mesmo não reconhecendo o direito de movimentarem-se (SAYÃO, 2002, p. 57 e 58).

5. NOTAS SOBRE AS ENTREVISTAS

Nas próximas páginas buscaremos destacar, em meio às questões debatidas em nossas entrevistas, as abordagens das professoras no que diz respeito aos temas da brincadeira, do lúdico e do jogo. Estes temas se revelam em meio às diversas perguntas presentes em nosso roteiro, uma vez que nossa intenção não é apresentar uma mera definição destes termos, mas antes, compreender os sentidos e significados que lhes são atribuídos no universo pesquisado.

5.1. Brincadeira

Em entrevista, a professora C. relata acreditar que em seu trabalho a brincadeira “rola 100% junto, na verdade o que eu faço é só preparar o ambiente de forma adequada para que eles possam vir e nesse ambiente eles encontrarem a riqueza de possibilidades, que vá preencher as expectativas deles também” (Entrevista professora C., dia 17/11/2011). Afirma ainda:

A brincadeira ela é parte vital aqui na infância, não tem como a gente não brincar, até porque isso acontece muito naturalmente, não é cair no espontaneísmo, mas é parte inerente do que se planeja, do que se propõe da ação final lá, concreta é a brincadeira, então eu acho que ela é assim, um eixo norteador central, assim como ela considerada uma das bases da pirâmide do referencial curricular da Educação Infantil, a brincadeira (ENTREVISTA PROFESSORA C., dia 17/11/2011).

A professora J. aponta a brincadeira como um instrumento de trabalho, como um auxílio ao seu planejamento:

A gente tem que trabalhar com brincadeiras, o instrumento eu acredito é a brincadeira, independente do que eu quero fazer, se eu quero desenvolver o salto, ou se eu quero trabalhar o conhecimento de brincadeiras que fizeram parte da cultura daquela criança eu tenho que trabalhar com brincadeira. Mesmo na atividade de colocar os bambolês para eles saltarem, eu estou propondo uma brincadeira, acredito que a brincadeira vai estar sendo a auxiliar dos objetivos que eu tenho no meu plano de trabalho (ENTREVISTA PROFESSORA J., dia 17/11/2011).

As cenas de nosso diário de campo revelam que o *movimento livre* também é caracterizado como brincadeira, como maneira de compensar o tempo em que as crianças ficam em sala. Isso é reforçado no seguinte trecho da entrevista com G:

Tanto o grupo 3 quanto o grupo 4, eles entram aqui, eles começam a rodar ali (aponta para a parte descoberta do refeitório), e rodam, rodam, rodam, rodam, deixo cinco minutos rodando, é o que eles geralmente acabam fazendo, mais 10 (minutos) a gente senta ali (aponta para a parte mais alta do refeitório) e começa a aula propriamente dita, com as atividades mais dirigidas, mas tu vê, eles começam a correr aqui, eu acho que é a *sensação de liberdade* né, de correr e, enfim, correr (ENTREVISTA PROFESSORA G., 25/11/2011).

A professora C. relata a importância do movimento e da encenação nas aulas de Educação Física: “quanto mais a gente puder estar trabalhando assim, a parte cênica, dramatizando, interpretando, vivendo um teatro, é a maneira mais legal de se trabalhar na EI”.

A professora G., reafirma a supracitada ideia criticada por Sayão (2002), na qual a brincadeira não tem um fim em si mesma, necessita de uma função, o que impede que as crianças recriem formas de brincar e se expressar.

Em toda rede de Florianópolis a brincadeira ela é eixo do trabalho tanto do ensino fundamental quanto da gente aqui, é fundamental né, tanto que eles aprendem, todos aqueles objetivos e a relação com o espaço e ambiente é por meio da brincadeira. Eu acho que a brincadeira a gente usa como um instrumento para as nossas intenções, porque o professor ele estabelece um objetivo, ele vai precisar da brincadeira como um objetivo, como que eu vou alcançar esse objetivo com essas brincadeiras. Faz a relação, do objetivo, tu vai olhar quais brincadeiras vai com esse objetivo pra utilizar com as crianças, trabalhar com elas esse objetivo, pra fazer esse caminho (ENTREVISTA PROFESSORA G., dia 25/11/2011).

5.2 Jogo

A professora C. relata que acha importante o tema na Educação Infantil, no entanto não trabalha por achar que seus alunos são muito pequenos para lidar com regras.

O jogo acho importantíssimo, mas é um conceito que tá meio, tipo nuvens na minha cabeça, eu li “O jogo”, uma produção do Huizinga, o filósofo aquele que fala só do jogo, eu tenho esse livro em casa, eu já li um pouco dele, mas eu acho que jogar é uma coisa que ainda, com os menorzinhos que é meu caso aqui na trindade esse ano, ficou um pouco mais complicado. O nosso jogo se limita a futebol, a um chutar a bola para o outro, jogar a bola uma para o outro, mas eu não consigo jogar com eles, talvez como se eu pudesse fazer uma iniciação ao

pique bandeira, alguma coisa mais com regras, só se estivesse com os maiores eu acho que é o caso que a outra professora está, que seria já o G4, o G5 e o G6, que ai eles tem já uma condição melhor. Esses meus grupos todos, os mais velhos tem três anos, eu não entro no jogo, o máximo do jogo é um jogo assim do cênico, da dramatização, se isso é considerado jogo, mais por esse caminho. Não consigo entrar muito no aspecto jogo, jogo mesmo, ou outra coisa mais bem elaborada nesse sentido (ENTREVISTA PROFESSORA C., 17/11/2011).

A professora J. relata em entrevista que o jogo “é inerente da atividade, sabe? Porque não tem como eu tirar o jogo daquilo ali, no momento que a criança vai estar ali vivenciando a atividade e ela vai interpretar aquele momento da forma dela, então não tem como eu tirar o jogo daquilo ali”. (Entrevista professora J., 17/11/2011).

Já a Professora G. destaca a importância do jogo:

É um instrumento também, é fundamental, é tudo junto, tanto que se tu for ver, no documento da rede, nessa última que a gente tava estudando eles colocam o jogo e a brincadeira como sinônimos. Dentro da Educação Física a gente tem a distinção né, a brincadeira é mais por conta própria, o jogo já tem as regras mais estabelecidas, mas tanto a brincadeira eles estabelecem as regras, toda brincadeira tem regra, seja a gente que coloca, ou seja as crianças que traçam, mas eles tem as regras deles, eles colocam as regras. No jogo também vai ter, e muitas vezes a gente confunde, o que pra gente é um pra eles é brincar de queimada, adaptado com as regras deles (ENTREVISTA PROFESSORA G., 25/11/2011).

5.3 Lúdico

Conforme o PPP do NEI JMS, o *lúdico* e o prazeroso são determinantes no fazer pedagógico, pois é possível elaborar atividades para crianças pequenas, de maneira que elas possam crescer em ambiente estimulador, seguro, educativo e feliz.

A Professora C. conceitua lúdico no âmbito do respeito ao tempo da criança e à capacidade de ouvi-la:

Na medida em que eu respeito o tempo da criança, na medida em que eu também to respeitando, as expectativas dela, to escutando bem o que elas estão falando, ouvindo, não somente escutar por escutar mais ouvindo o que elas estão querendo, do que elas mais gostam, é nesse sentido lúdico que a gente fala, que não adianta a gente vir armado assim com propostas que são

acertadas sobre a nossa ótica, “isso eu sei que vai dar certo”, porque na Educação Infantil é essa coisa de construir cada dia assim mesmo, junto com eles (ENTREVISTA PROFESSORA C., dia 17/11/2011).

Já a Professora J., preocupa-se que seu papel de professora não ser confundido com o de recreadora.

“O lúdico são só atividades livres onde a criança vai sempre fazer atividades que ela quer, vai vir dela, ela vai ter expressão”, só que assim, aqui eu não sou uma recreadora, então eu acho que por mais que a aula seja mais aberta, como tu viu aquelas aulas de construção, elas tem que ter um direcionamento, eu tenho que ter um objetivo pra aquilo ali, então eu vou oferecer e as crianças vão extrair de dentro daquilo ali, algumas aulas são mais abertas e outras não, mas a parte lúdica eu acho que é importante trabalhar sim (ENTREVISTA PROFESSORA J., 17/11/2011).

A professora G. salienta a questão do aprender, pois “através do lúdico que elas aprendem”.

Acho bem importante que é por meio da brincadeira que eles estão aprendendo, não só aprender a brincar a brincadeira, fazer “a galinha chocou”, mas eles aprendem a respeitar, a questão atitudinal mesmo, ao ouvir, a interagir meninos e meninas juntos, as vezes a gente tem essa diferença. (ENTREVISTA PROFESSORA G., 17/11/2011).

5.4 Sobre as Concepções das Professoras

Apresentaremos aqui as questões que mais se destacaram nas concepções das professoras de Educação Física investigadas em relação ao lúdico, ao jogo e a brincadeira.

A relação do jogo com o esporte aparece evidenciada. O esporte aparece no âmbito do futebol e outras vezes relaciona-se à iniciação aos esportes.

O jogo também se apresenta relacionado à um conjunto de regras, que devem trabalhadas com as faixas etárias mais velhas, não sendo possível trabalhar com os menores de dois anos.

Diferenciando jogo e brincadeira, o primeiro aparece evidenciado como inerente à atividade e a brincadeira “é mais por conta própria, o jogo já tem as regras mais estabelecidas” (Professora G.).

A questão do lúdico aparece equiparada com o conceito de brincadeira, como uma maneira de moldar a questão atitudinal das crianças, como por exemplo, respeitar, ouvir, interagir meninos e meninas. Ele aparece como algo atrativo, um incentivo para que a criança seja levada a participar de algo, e, ainda, como tempo “livre”, não direcionado, não conduzido pelos adultos.

As atividades lúdicas são consideradas “mais abertas” que as demais atividades. E aparecem vinculadas ao que “as crianças mais gostam”, representando alegria, bem-estar, prazer, diversão.

A visão de brincadeira que fica mais evidenciada pelas professoras aparece como meio para alcançar determinado fim ou como um instrumento para atingir algum objetivo específico, por exemplo, a melhoria de aprendizagens cognitivas.

5.4.1 Dos Pressupostos teórico-metodológicos

Ao longo das entrevistas, as professoras de Educação Física foram citando vários autores, concepções e teorias que subsidiariam as suas práticas. Assim como nos documentos que regem a Educação Infantil, verificamos uma miscelânea de concepções teórico-metodológicas que orientam as suas práticas pedagógicas.

Uma concepção que se fez presente nas entrevistas refere-se à psicomotricidade, como se pode observar na fala da professora J., quando relata que “não praticava esporte, era uma pessoa descoordenada” e também em trechos de sua entrevista:

Bom, eu acredito que a Educação Física na Educação Infantil ela tem que ter diversos olhares, então não dá só pra olhar pra parte motora, também não dá só pra olhar pra parte cultural, porque eu posso ter uma criança que pode ter uma dificuldade maior e eu tenho que perceber isso. Acho que a Educação Física na Educação Infantil, ela tem que trabalhar com movimento e saber entender as peculiaridades deste movimento, esse movimento ele tem uma influência do ambiente em onde essa criança está inserida, porque que a criança se movimenta desta maneira (...) O único problema que eu vejo nos NAPS (Núcleos de Ação Pedagógica) é que não trata dos movimentos mesmo, porque não tem como eu pensar em movimento sem eu pensar *equilíbrio*, sem eu pensar em *lateralidade*, sem eu pensar no salto, sem eu pensar nisso tudo. Eu gosto dessa proposta da prefeitura dos NAPs, mas acho que falta essa questão do desenvolvimento (ENTREVISTA PROFESSORA J., 17/11/2011).

A Psicomotricidade também aparece como concepção referenciada ao longo do curso de especialização frequentado pela professora C:

E no caso, claro que a psicomotricidade me fez ter um envolvimento mais metodológico, e até dá pra dizer tecnicista nesse sentido, na época usar dessa teoria para desenvolver meu trabalho mais focado mesmo no sensorio motor, nos aspectos da coordenação da agilidade, do equilíbrio, e aquilo tudo que eu considerava que era importante para a criança (ENTREVISTA PROFESSORA C., 17/11/2011).

Sayão (2002), sugere que a Psicomotricidade proporcionou um descompasso entre desejos e necessidades das crianças, e a intencionalidade dos adultos na Educação Infantil. A psicomotricidade é pautada em um modelo de criança universal e desconhece gênero, etnia e classe social. Aparece, ainda, como um suporte para as atividades cognitivas e o movimento como fator de ajustamento.

A professora C. cita, ainda:

(...) com o passar do tempo, como eu sempre participei muito de fóruns, e congressos e seminários da nossa área, mas que sempre esses cursos tinham temáticas mais diversificadas, eu comecei sempre a me utilizar muito daquilo que o pessoal acostuma dizer que é da pedagogia, e na especialização também, a linha de Wallon, a parte do *afeto*, dos aspectos afetivos na formação da criança também foram muito importantes. O Wallon abordou esse lado que a gente tem que também focar quando planeja, eu acho que eu vim fazendo uma soma bem legal, daquilo que a psicomotricidade enquanto ciência fomentava, considerando aquilo que era da afetividade (ENTREVISTA PROFESSORA C., 17/11/2011; *grifos nossos*).

Para este autor:

após o nascimento, a motricidade disponível, além dos reflexos, compõe-se de movimentos impulsivos que pouco a pouco são interpretados pelo mundo adulto circundante, estabelecendo comunicação, o que marca a etapa expressivo-emocional do desenvolvimento da criança. Neste processo, ganha primazia o “diálogotônico”, forma de contato com o outro, mediada pelo olhar, sorrisos, posturas e contatos corporais. Pouco a pouco, a partir da interação com o mundo social, ao lado dos movimentos instrumentais (preensão, competência visual e de marcha) entram em cena outras formas de movimento, atravessados por imagens, os “ideomovimentos” (movimentos que contêm ideias), as imitações (WALLON, 1988 apud BRASIL, 2010, p. 38).

Outro autor também é citado em mais de uma entrevista é João Batista Freire, sobretudo no que se refere ao tema da brincadeira:

A brincadeira, como a maioria dos autores trazem, eu gosto muito de estudar o João Batista, as descobertas da criança, o conhecimento do mundo, vai sempre partir dos momentos de brincadeiras, porque é ali que a criança vai experimentar. Brincadeira é muito importante nesse objetivo, não tem como não usar a brincadeira, mesmo em atividades de letramento, a brincadeira tem que estar presente, só tem que ver como que vai ser tratada essa brincadeira (ENTREVISTA PROFESSORA J., 17/11/2011).

A professora C. fala em entrevista que “a brincadeira tá presente por mais que a gente não queira, porque ela faz parte do que a criança é”.

Para Freire (2001) entre os humanos, brincar é uma evidência tão gritante que chega a ser difícil flagrar uma criança deixada livre que não seja encontrada brincando. O autor destaca que temos uma fantasia de crianças ideais, que se comportem de uma maneira também ideal, esquecendo que lidamos com crianças reais, com expressões e linguagens únicas. Ele comenta que idealizamos pessoas, coisas e o mundo como queremos que sejam, o que pode ser comparado com as exigências colocadas pelas professoras no que se refere ao controle dos pequenos.

Ainda se tratando de brincadeira, a professora C. destaca Vygotsky, no sentido de que a criança deve ser ouvida a partir do que apresenta. Nas suas palavras:

Eu acho que Vygostky já trazia isso antes de todos os outros, eu achei que um dos aprendizados mais importantes que eu tive no conteúdo, nessa bagagem toda que ele traz no projeto de pesquisa que ele desenvolveu, é de que a gente tem que ouvir o que a criança quer e o que ela tá trazendo, as temáticas elas vão rolar a partir da curiosidade deles, a partir dos questionamentos deles. E o lúdico é porque a gente só consegue trabalhar com eles brincando, a ludicidade no sentido da leveza, da alegria, do bem estar, que tu fala com eles de verdade, não só fazendo uma performance de tá com eles (ENTREVISTA PROFESSORA C., 17/11/2011).

Encontramos ainda, na fala da professora G., como objetivo da Educação Física na Educação Infantil “essa relação com os outros e com o mundo, por meio dos elementos da cultura corporal e movimento”, evidenciando pressupostos da abordagem crítica-superadora da Educação Física, que defende uma prática a fim de que o aluno apreenda a realidade, problematizando conteúdos:

A escola, na perspectiva de uma pedagogia crítica-superadora aqui defendida, deve fazer uma seleção dos conteúdos da Educação Física. Essa seleção e organização de conteúdos exige coerência com o objetivo de promover a leitura da realidade. Para que isso ocorra, devemos analisar a origem do conteúdo e conhecer o que determinou a necessidade de seu ensino. Outro aspecto a considerar na seleção de conteúdos é a realidade material da escola, uma vez que a apropriação

do conhecimento da Educação Física supõe a adequação de instrumentos teóricos e práticos, sendo que algumas habilidades corporais exigem, ainda, materiais específicos (COLETIVO, 1992, p. 43).

Sem que possamos aprofundar aqui a discussão, gostaríamos apenas de salientar que subjazem, nessas concepções e práticas – assim como em toda discussão metodológica –, um entendimento de sociedade, de ser humano, de educação. Nesse sentido, quando se fala em concepções teórico-metodológicas não se pode desconsiderar suas determinações históricas, sobretudo quando se vêem vinculadas à formulação de leis gerais, modelos teóricos ou a um projeto unificador que acabam por promover uma adaptação do pensamento ao existente e a conduzir as ações dos sujeitos, ou, de outro modo, instituindo um suposto “sujeito universal”. Nesse sentido, é preciso considerar as bases teóricas e os métodos de conhecimento como estilos divergentes de olhar e pensar o mundo. E, vale então lembrar, com Meksenas (2002), do perigo para as ciências da educação em geral e para a Educação Física, em específico, de organizarem-se a partir de modelos, sem correlacioná-los à historicidade dos fatos, aceitando a realidade como ela se apresenta e simplesmente buscando reproduzir receitas que “funcionam”, ou seja, que não expõem as contradições presentes na sociedade e que mascaram os processos pelos quais, através das relações de poder e controle, nos tornamos aquilo que somos (SILVA, 2007).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retornando aos temas da brincadeira, do jogo e do lúdico no contexto dos documentos que regem a Educação Infantil, entre os quais aqueles citados na introdução deste trabalho, bem como as cenas de aulas observadas e as vozes das professoras, podemos encontrar uma miscelânea de discursos que incidem diretamente sobre os nossos modos de pensar, de nos conduzir e de conduzir os outros.

A *brincadeira* aparece como espaço para experimentar o mundo e internalizar uma compreensão sobre ele; como expressão simbólica; como critério avaliativo, como se observa no PPP da creche investigada; como atividade ou meio que favorece a aprendizagem; como reprodução de regras, como repetição de gestos e movimentos; como elemento de contribuição para o desenvolvimento infantil; como instrumento de trabalho; como diversão e entretenimento, geralmente associados ao bem-estar; como vínculo entre o imaginário e o real. Enfim, ora cumprindo um papel educativo, servindo para ensinar, aprender, internalizar algo ou como auxiliar no desenvolvimento de habilidades físicas e mentais necessárias mais tarde na vida; e ora como um direito social, ou seja: não se trata de uma pedagogia, mas de um direito como princípio fundamental que tem por base a dignidade humana ou que se vincula a um valor *humano*. Um direito que se manifesta seja na livre movimentação das crianças e que não exigiria a presença de um profissional especialista da área de Educação Física, seja como premiação, condicionando tal princípio fundamental a restrições de caráter normalizador dos comportamentos e das condutas, como se pôde observar nas várias cenas relacionadas à “perda do direito de...”, caso as crianças não atendessem às exigências dos adultos.

O jogo aparece relacionado tanto a uma dimensão esportiva, quanto a uma dimensão tipológica (jogo de regra, jogo de exercício etc.) ligada à aprendizagem de regras e valores sociais, colocando-se como meio de aprendizagem de habilidades específicas e como termo raramente empregado pelas professoras. Surge também como aspecto “complicado para trabalhar com os pequenos”, conforme anuncia uma professora entrevistada; como sinônimo de brincadeira; como atividade desenvolvida com regras adaptadas às diferentes faixas-etárias.

O tema do lúdico se coloca como uma forma de atividade; como meio de aprendizagem; como um contexto ou um espaço (lúdico); como uma forma de relação; como atividade não produtiva, na qual são exercitadas importantes funções no processo de desenvolvimento da criança como a memória, a atenção, a linguagem; como respeito ao tempo da criança; como livre atividade; como o tempo da infância “no qual a atividade determina o tempo e não o tempo determina a atividade” como se lê no PPP da creche; como determinante, ao lado do prazer, do fazer pedagógico, como consta no PPP do NEI investigado.

Nesse contexto, gostaríamos de ressaltar que os temas do lúdico, da brincadeira e do jogo parecem recair, de um lado, nos moldes da Recreação, para distrair, reproduzir regras e disciplinar as crianças, ou do Desenvolvimento Motor e da Psicomotricidade, cujos pressupostos baseiam-se no aprimoramento das capacidades físicas, no aperfeiçoamento de habilidades básicas como o equilíbrio e a coordenação, que se restringem a dimensão motriz do corpo e cuja concepção de infância é etapista, como se “todas as crianças fossem iguais e uniformes em suas respectivas idades – supondo, portanto, que aquelas que não se encaixam no modelo seriam ‘anormais’.” (TABORDA DE OLIVEIRA; OLIVEIRA; VAZ, 2008, p. 309).

De outro lado, como direito das crianças, especialmente o direito à brincadeira (mas que se conjuga aos temas do jogo e do lúdico) parece que recaímos numa prática pedagógica ora baseada em certo espontaneísmo, ora vinculada a disciplinarização do corpo, conformando uma *pedagogia do corpo*, e que se materializa em gestos e ações que afirmam o desejo de um domínio infinito sobre a natureza, “tomada como objeto desqualificado e fonte de toda sorte de descontroles e demais predicados que fazem lembrar a condição de natureza da qual partilhamos, vista, então, como constante ameaça à razão” (RICHTER; VAZ, 2005, p. 82).

Consideramos que a área da Educação Física e a Pedagogia da Infância carecem de uma maior aproximação, no sentido de refletir a respeito dos temas da brincadeira, do jogo e do lúdico em sua relação com a infância, com os saberes e práticas pedagógicas que constituem as culturas escolares e, com o corpo, para além de sua dimensão motriz, o que implica em considerar todo o acervo de práticas corporais culturalmente desenvolvidas e sua apresentação às crianças, tais com as danças, as ginásticas e os esportes, mas também as técnicas e os cuidados como os castigos, as ameaças, as premiações que, de forma dolorosa, incidem sobre o corpo.

REFERÊNCIAS

- BOGDAN, R.C; B., S.K. *Investigação qualitativa em educação*. Porto Editora LTDA, 1994.
- BRACHT, V. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. In: *Cadernos CEDES* [online]. 1999, vol.19, n.48. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>>. Acesso em 03 de agosto de 2011. p. 69-88.
- BRACHT, V.; et al. *Pesquisa em Ação: Educação Física na escola*. Ijuí: UNIJUÍ, 2003.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental, Coordenação Geral de Educação Infantil, *Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil, v. 1*, Brasília-DF, 1998a.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental, Coordenação Geral de Educação Infantil, *Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil, v. 1*, Brasília-DF, 1998b.
- BRASIL. *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Lei nº 8069/90 de 13 de Julho de 1990. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 2001.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Política Nacional de Educação Infantil: pelo direito das crianças de zero a seis anos à educação*. Brasília : MEC, SEB, 2006.
- COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do Ensino da Educação Física*. São Paulo: Cortez, 1992.
- DIRETRIZES educacionais pedagógicas para Educação Infantil /Prefeitura Municipal de Florianópolis. Secretaria Municipal de Educação. – Florianópolis: Prelo Gráfica & Editora, 2010.
- DIRETRIZES curriculares para a educação física no ensino fundamental e na educação infantil da rede municipal de Florianópolis/SC. Florianópolis: NEPEF/UFSC, 1996. 136p
- FLORIANÓPOLIS. Secretaria Municipal de Educação – Divisão de Educação Infantil. Caderno de Formação. Florianópolis, 2004.
- FREIRE, João Batista. *De corpo e alma: o discurso da motricidade*. 2. ed São Paulo: Summus, 1991. 153p.
- FREIRE, João Batista; FEIJÓ, Atagy Terezinha Maciel. . Oficinas do jogo: uma abordagem pedagógica transdisciplinar nas séries iniciais do ensino fundamental. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas , v.29, n.3 , p. 107-121, maio 2008.
- _____. *O Jogo, entre o riso e o choro*. São Paulo: Autores Associados, 2002.

GOELLNER, Silvana Vilodre et al. Pesquisa qualitativa Na Educação Física brasileira: marco teórico e modos de usar. In. Revista de Educação Física/UEM. Maringá, v. 21, n. 3, 2010.

KISHIMOTO, T. M; Bomtempo, Edda. *Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação*. 3 ed. São Paulo: Cortez, 1992.

KUNZ, E. *Educação Física: ensino & mudanças*. Ijuí: Unijuí, 1991.

LUDKE, M. A., MENGA, E. D. A. *Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas*. São Paulo: EPU, 1992.

MEKSENAS, Paulo. Pesquisa social e ação pedagógica: conceitos, métodos e práticas. São Paulo: Loyola, 2002. 166p.

MYNAYO, M. C. *O Desafio do Conhecimento: pesquisas qualitativas em saúde*. São Paulo: Ucitec, 2006.

MYNAYO, M. C. de S. DESLANDES, S. F. GOMES, R. *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis – Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

NEIRA, M. G. *Ensino de Educação Física*. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

SAYÃO, D. T. Corpo e movimento: notas para problematizar algumas questões relacionadas à Educação Infantil e à Educação Física. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas-SP, v. 23, n. 2, p. 55-68, jan. 2002.

SAYÃO, D. T. *Educação Física na Pré-Escola: da especialização disciplinar à possibilidade de trabalho pedagógico integrado*. Dissertação de Mestrado (Educação). Florianópolis: PPGE/CED/UFSC, 1996.

_____, D. T. *Infância, Educação Física e Educação Infantil*. Disponível em <<http://www.ced.ufsc.br/~nee0a6/dborahfln.rtf>> Acessado em 30/06/2010.

_____. *O fazer pedagógico do/a professor/a de educação física na Educação Infantil*. In: SAYÃO, D. *Educação Física na pré-escola: da especialização disciplinar à possibilidade de trabalho pedagógico integrado*. 1996. 169f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1996.

TABORDA DE OLIVEIRA, M; OLIVEIRA, L.; VAZ, A.F. Sobre corporalidade e escolarização: contribuições para a reorientação das práticas escolares da disciplina de Educação física. In: *Pensar a Prática*, Goiânia, v. 11, 2008. p. 100-110.

TOASSA, Gisele. Conceito de liberdade em Vigotski. *Psicol. cienc. prof.*, Brasília, v. 24, n. 3, set. 2004. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932004000300002&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 04 dez. 2011.

TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1990.

VAGO, T. M. Pensar a Educação Física na escola: para uma formação cultural da infância e Juventude. *Cadernos de Formação RBCE*, v. 1, p. 25-42, 2009.

WELSCH, N. L.N.A. *A Prática Pedagógica dos Professores de Educação Física nas Escolas Públicas no Município de Florianópolis-SC, uma análise da teoria que a UFSC Orienta*. Trabalho de Conclusão de Curso (Educação Física). Florianópolis: CDS/UFSC, 2007.

ANEXO A – ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO

PRIMEIRO CONTATO

ASPECTOS FÍSICOS

BAIRRO

Bairros vizinhos; Distância do Centro; Características; Segurança; Arborização; Arquitetura/Construções; Iluminação; Áreas de Lazer; Comércio; Indústrias; Transportes; Serviços públicos disponíveis; Ambientes Educacionais; Conjuntos habitacionais; Outros;

QUADRA

Características; Pavimentação; Arquitetura/Construções; Estado de conservação; Calçadas; Arborização; Sinalização; Outros;

RUA

Características; Pavimentação; Sinalização; Sinais sonoros frequentes; Trânsito; Movimentos de pedestres; Espaços vizinhos à creche; Outros;

ESPAÇO FÍSICO DA CRECHE

ACESSO

Portões; Solo; Segurança; Arborização; Identificação.

PRÉDIO

Identificação; Arquitetura / Estilo; Cores; Estado de conservação; Período de Construção; Reformas estruturais; Limites/cercamento.

AMBIENTES EXTERNOS

ACESSOS

Solo; Arborização; Brinquedos; Conservação; Espaços – descrever ambientes externos.

ESPAÇOS UTILIZADOS PELOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Solo; Arborização; Brinquedos: Disposição; Tipologia; Quantidade; Estado de conservação; Cores; Materiais;

Utilização pelos professores de Educação Física, de cada uma dos espaços externos: quando e como; participação dos demais professores; tempo; turmas com as quais utiliza e não utiliza determinados espaços.

Horários; tempo de permanência,

Materiais que utiliza; materiais que desloca para uso nos espaços externos; materiais mais utilizados, menos utilizados.

AMBIENTES INTERNOS

CORREDORES, BANHEIROS, COZINHA, DESPENSA, LAVANDERIA, SALA DE ESTUDOS, ETC.

Cores; Metragens; Piso; Iluminação; Ventilação; Higienização; Painéis; (conteúdo) Enfeites; Mobiliários; Disposição dos objetos; Altura; Aromas; Ruídos do ambiente; Materiais disponíveis; Tecnologias; Organização; Estado de Conservação; Quantidade; Outros;

Espaços internos utilizados pelos professores de Educação Física, quando e como; participação dos demais professores; tempo; turmas com as quais utiliza e não utiliza determinados espaços.

Horários; tempo de permanência

Materiais que utiliza; materiais que desloca para uso nos espaços internos; materiais mais utilizados, menos utilizados.

OUTROS ESPAÇOS

Outros locais utilizados pelos professoras de Educação Física (praças do bairro, campos de futebol, parques públicos, etc.)

Quando e como; participação dos demais professores; tempo; turmas com as quais utiliza e não utiliza determinados espaços.

Horários; tempos de permanência

Materiais que utiliza; materiais que desloca para uso nos espaços internos; materiais mais utilizados, menos utilizados

AULAS

CARACTERÍSTICAS GERAIS

Horário de início e término da aula; quantidade de crianças e adultos presentes; condições ambientais; frequência; grupo; idade; gênero; material e roupas dos alunos, alunos e/ou alunas com necessidades especiais; locais; etc.

DADOS QUALITATIVOS I

Chegada da Professora; conversa inicial; deslocamentos; explicação inicial; volta para a sala.

Atividades desenvolvidas; como a professora encaminha essas atividades no tempo e no espaço; qual é o grau de participação dos alunos na condução da aula e nos processos decisórios; conteúdos ou conceitos trabalhados; material utilizado. *Quais* as atividades propostas; *como* são propostas e desenvolvidas ; falas dos professores de Educação Física (sobretudo aquelas relacionadas à brincadeira, jogo..); rituais que envolvem movimento; mediações entre professores-alunos; alunos-alunos; que temas são desenvolvidos nas aulas (danças, esportes...). Possíveis aprendizagens; diferentes ritmos apresentados; demonstração de momentos de autonomia; dificuldades encontradas.

MOMENTOS SIGNIFICATIVOS

Falas significativas; há formação de grupos não mediados pelo professor ou professora? Quais são as hierarquias (entre meninos e meninas, mais fortes, mais rápidos, mais violentos, mais bonitos, etc.).

OUTRAS CONSIDERAÇÕES.

ANEXO B – ROTEIRO DE ENTREVISTA

Nome; Idade;

Ano de formação (Graduação; Especialização; Mestrado); local; formação complementar;

Fale sobre:

Motivo de escolha profissional; motivo escolha Educação Infantil; elementos de destaque em sua trajetória profissional;

Tempo de docência em Educação Física; tempo de docência na rede;

Tempo de docência nesta instituição; carga-horária de trabalho; tempo de trabalho em cada turma (organização do tempo); espaços utilizados.

FALE SOBRE:

A profissão.

Bases teóricas de sua formação e aquelas de sua preferência.

FALE SOBRE:

O cotidiano da instituição.

Atribuições na instituição.

Fale a respeito da Educação Física na Educação Infantil (propósitos; objetivos; importância; aspectos que considera fundamentais no que diz respeito a sua presença na Educação Infantil).

Relação dos demais profissionais que atuam na instituição com o seu trabalho.

Planejamento.

FALE SOBRE:

Relação do planejamento com o PPP da escola.

Quem participa da elaboração; de que forma.

Lugar ocupado pelo planejamento na prática pedagógica.

Bases do planejamento (fontes de informação e bases teóricas).

Elementos privilegiados na elaboração no planejamento.

Que materiais você utiliza nas aulas de Educação Física?

Que critérios você utiliza na seleção de materiais? (que aspectos você considera fundamentais na escolha desses materiais)

De que formas esses materiais são utilizados? Com que finalidades?

Cite outros recursos, materiais, objetos que você considera fundamentais numa aula de Educação Física e que nem sempre se encontram disponíveis na instituição.

Qual a sua importância?

Fale especificamente a respeito da música e do canto (canções) em relação ao seu trabalho.

Que temas/ conteúdos você privilegia em suas aulas?

Qual a sua importância?

Fala-se muito a respeito da ludicidade como um critério pedagógico na Educação Infantil. De que forma o tema do lúdico se expressa em seu trabalho?

O tema do jogo ocupa lugar destacado na Educação Física. Que lugar o jogo ocupa em suas aulas? (Qual a sua importância)

De que formas o tema é abordado em suas aulas?

Nas Diretrizes Educacionais Pedagógicas para Educação Infantil da Rede Pública de Ensino de Florianópolis o tema da brincadeira ocupa lugar destacado. Em sua visão, qual a relevância do tema?

Que relações podem ser estabelecidas entre a infância, a brincadeira e o trabalho educativo no contexto da Educação Física na Educação Infantil?

Problemáticas/conquistas.

Momentos: atividades preferenciais.

PALAVRA-LIVRE: palavra aberta para falar sobre aspectos não contemplados na entrevista; questões que considera importante salientar.